

A Pós-Graduação Brasileira em Química: Novos Rumos?

Divulgados pela CAPES os resultados da avaliação da pós-graduação referente ao triênio 2007-2009, é importante que a comunidade química brasileira, apesar dos grandes avanços da sua pós-graduação, reflita sobre a organização da maioria dos programas da área de Química. Em muitos desses, ainda prevalecem as quatro grandes subáreas de concentração: Química Orgânica, Química Inorgânica, Físico-Química e Química Analítica. Essa divisão reproduz o modelo anacrônico de Departamentos no qual está estruturada a maioria das universidades brasileiras, mesmo aquelas melhores posicionadas nos rankings internacionais, que as colocam entre as 500 melhores do mundo.

Universidades como, por exemplo, a de Cambridge, no Reino Unido, e muitas outras de reconhecida excelência internacional, vêm substituindo a divisão clássica das quatro subáreas por grandes domínios do conhecimento, que reúnem seus grupos de pesquisas em cinco grandes núcleos: Síntese Química, Computação e Informática, Química dos Materiais, Química Atmosférica e Química Biológica. É óbvio que o modelo adotado no caso de Cambridge não pode ser simplesmente transposto para a pós-graduação brasileira em química. A realidade brasileira é bem diferente da do Reino Unido. Não se pode, entretanto, perpetuar no Brasil um sistema que muitos reconhecem como ultrapassado, só porque “não se mexe em time que está ganhando”.

A revolução pela qual passa o sistema público superior de ensino no Brasil, cuja expansão nos últimos anos vem renovando, em taxas muito altas, o corpo docente permanente dos programas de pós-graduação, não vem sendo acompanhada pelas mudanças necessárias para o grande salto para o futuro necessário para colocar o Brasil no seleto rol das nações que integram o G-8. Nunca é demais lembrar que nações ricas são aquelas em que a Química tem grande importância na economia.

Domínios como biomassa, petróleo do pré-sal, novos materiais, fibras naturais, energias renováveis, biodiversidade e química medicinal podem constituir, a título de exemplo, “núcleos”

capazes de congregar os grupos de pesquisa dos programas de pós-graduação de química. Dada a sua dinâmica e maturidade, qualquer mudança na pós-graduação é mais fácil de ser feita do que nos cursos de graduação. Mas, se não for dada uma solução satisfatória para a grande evasão nos cursos de graduação de Química e, principalmente, para a pouca base matemática do químico que se forma na maior parte das universidades brasileiras, a pós-graduação vai, certamente, se atrofiar.

Outra mudança importante que deveria ser feita na pós-graduação de Química é a implantação de um sistema de ingresso unificado nacionalmente, ou numa primeira etapa, adotá-lo por regiões do País. Algumas áreas do conhecimento vêm adotando, com muito sucesso, este modelo, cujas vantagens são muitas, ao impedir que estudantes intelectualmente despreparados recebam a titulação de mestre ou de doutor em Química e, o que é em muitos casos mais grave, sejam bolsistas da CAPES e do CNPq. A pós-graduação tem que ser para os melhores estudantes, que devem encará-la como um prêmio e à qual têm que se dedicar integralmente.

É consenso na comunidade científica que a Química foi, entre todas as áreas de Ciências Exatas, a que mais cresceu em número e em qualidade. Ações continuadas devem continuar a pautar a comunidade química brasileira de modo a torná-la ainda melhor e com capacidade para atrair estudantes do exterior em situação de igualdade com os países desenvolvidos.

Angelo C. Pinto - UFRJ

Editor JBCS

Referências

1. Machado, S. P.; Melo Filho, J. M.; Pinto, A. C.; *Quim Nova* **2005**, 28, S41.
2. de Andrade, J. B.; Cadore, S.; Vieira, P. C.; Zucco, C.; Pinto, A. C.; *Quim Nova* **2003**, 26, 445.
3. de Andrade, J. B.; Cadore, S.; Vieira, P. C.; Zucco, C.; Pinto, A. C.; *Quim Nova* **2004**, 27, 358.